

Minha queridíssima Ernesta...

São tantas saudades e a falta que sinto de ti e todos que nem sei como começar, mas, vou escrevendo o que penso e no fim dá certo, não é? Então, bem, como vai?

Peço todas as noites à Deus que nos proteja a todos e faça com que logo possa regressar afim de beijar-te muito saudosamente.

Graças a Deus fizemos boa viagem até Caravelas. Viemos de navio, só vendo a valentia minha: dormia pouquíssimo e não largava do salva-vidas nem para comer. Não enjoei, tivemos um temporal em alto mar e até pensei que era Errol Flynn. Saímos do Rio no dia 12, chegamos aqui dia 16 e vamos ainda para Porto Seguro.

A falta de teus carinhos é que, somados ao da mamãe e a amizade de todos, fazem-me pensar que estou vivendo uma vida artificial, sem coração e alegria própria, a não ser a que procuro. Parece-me que estamos fadados a ficarmos longe um do outro até minha volta, pois aqui talvez não possa trazer-te, mas vamos ver como é Porto Seguro, se for igual Caravelas, não virás.

Escrevi-te do Rio, o navio estava distraçando, mas não quis deixar nem a ti nem a mamãe nervosas, de modo que menti que vínhamos por terra. Durante a viagem, cantamos bastante para não dormir.

No Rio, fui à Nacional e assisti um bom programa com as Três Marias e Albertinho Fortuna; fui a noite em Copacabana, só vendo que maravilha, mas não tive tempo de visitar outros lugares, a não ser o Museu das Artes para ver a exposição do pintor Marques Junior.

Peça por mim a benção à minha querida mamãe; um abraço em cada um dos irmãos, muitas saudades de todos os amigos. Como combinamos, beijo-te sempre em pensamento, esperando muito breve fazê-lo pessoalmente.

Todos do Regimento estão bem, não houve, graças a Deus, nenhum incidente.

Beijo-te muitíssimas vezes, meu amor.

Chi.

Caravelas, 18 de maio de 1943.